

O Obama desconhecido

Norman Gall

O mundo está fascinado por um jovem americano de origem híbrida que aparece de repente no cenário político para postular, com audácia e muita habilidade, sua candidatura à presidência dos Estados Unidos, com grande possibilidade de ganhar. Barack Obama tem conduzido uma campanha tecnicamente brilhante nas primárias do Partido Democrata, com uma capacidade de mobilizar recursos financeiros sem precedentes, principalmente em pequenas contribuições pela internet. Seus discursos são de rara eloquência e carregados de conteúdo emocional de redenção da sociedade americana, sem referências específicas ao que ele faria se eleito presidente.

Seu refrão de palanque, "Change" ("Mudança"), é tão pouco original que é utilizado por qualquer candidato insurgente contra a situação em qualquer pleito eleitoral em qualquer país democrático do mundo. Seu outro refrão - unificar a sociedade acima dos pleitos partidários - lembra o lema de campanha do presidente Richard Nixon em 1968, "Bring us Together" ("Junte-nos Todos"), e da campanha eleitoral em 2000 do atual presidente George W. Bush, que pregou "Unir e não Dividir".

Assim, não temos a menor idéia do que faria Barack Obama se eleito presidente. Ainda que a técnica e a organização de sua campanha sejam brilhantes, Obama se cuida para falar pouco da substância. Sabemos pouco de seus assessores em questões de políticas públicas e os que conhecemos se têm destacado por sua mediocridade.

É difícil montar uma nova administração americana, com uns 3 mil cargos executivos para preencher e muitos pretendentes. No começo de seu governo, o presidente Bill Clinton (1993-2000) demorou um ano para montar sua equipe. A economia americana já estava saindo da recessão.

O novo governo dos Estados Unidos, que tomará posse em janeiro de 2009, não terá tanto tempo para tomar providências urgentes. Os Estados Unidos começam a sofrer tanto recessão como inflação, que aparentemente se espalha pelo mundo. Também sofre de déficits grandes em conta corrente que os obrigam a tomar empréstimos de países superavitários, principalmente da China, de outros países asiáticos e dos exportadores de petróleo do Oriente Médio - o que se pode revelar insustentável em curto espaço de tempo. Também a escalada do preço de óleo cru para acima de US\$ 130 por barril, dobrando no último ano, não pode ser absorvida pelos países consumidores sem mudança em suas estruturas econômicas. Além disso, as crescentes pressões a favor do protecionismo comercial exigem uma definição rápida.

Como se desenvolverá esse político de grande talento diante das decisões que precisará tomar? Vale ler seu extraordinário livro *Dreams from My Father* (A Origem dos Meus Sonhos), que acaba de ser publicado em português. Este livro, escrito em estilo fino e preciso e com profunda introspecção, fez de Obama um multimilionário pelas regalias que recebeu, e conquistou para ele muitos fãs e partidários. Foi encomendado por um editor após sua eleição como presidente da revista da Escola de Direito da Universidade Harvard, uma honra sem precedentes para um jovem negro. A sagacidade e sensibilidade humana de suas observações no livro, tanto de sua infância na Indonésia e no Havaí quanto de sua juventude como organizador de projetos sociais nos guetos negros de Chicago, me fizeram lembrar a autobiografia clássica de Benjamin Franklin, escrita há mais de 200 anos.

Com todas essas qualidades, Obama retrata no livro um problema de identidade ainda pendente que o conduziu à relação infeliz com seu pastor por 20 anos, Jeremiah Wright, cujos sermões racistas custaram muito a Obama nas eleições primárias contra Hillary Clinton. O episódio do pastor colocou a questão racial nas manchetes do pleito eleitoral.

A grande favorita no começo da campanha, Hillary, utilizou ressentimentos racistas para fortalecer apoio a ela entre os brancos pobres nas primárias dos Estados de Ohio, Pensilvânia, Indiana e West Virginia, nutrindo dúvidas sobre se essa faixa do eleitorado votaria contra Obama e a favor de seu adversário republicano, o senador John McCain, quando os americanos escolherem seu presidente, definitivamente, em novembro.

É duvidoso que isso venha a acontecer de forma decisiva na eleição geral. Os Estados Unidos vêm mudando, no sentido de um repúdio geral ao racismo, repúdio que cresce quando o racismo é confrontado. Além disso, a senadora Hillary Clinton, se tiver negada sua candidatura, como parece provável, seria obrigada a fazer campanha ativa a favor de Obama para garantir o seu próprio futuro político e não ser encostada nas trevas da derrota e do ressentimento, de que seria difícil escapar.

Para evitar essa sorte Hillary seria obrigada a fazer campanha a favor de Obama nos Estados onde ela ganhou, em apoio à causa da justiça social, que tem sido a viga-mestra da política do Partido Democrata nos últimos 70 anos, desde o New Deal do presidente Franklin Delano Roosevelt. Após a Grande Depressão da década de 1930, Roosevelt chegou ao poder, em 1933, com propostas tão vagas como as de Obama hoje. O que ele transmitia era a imagem de carisma e caráter que Obama tenta transmitir hoje. Se eleito presidente, o Obama desconhecido vai passar por sua prova de identidade.

Norman Gall é diretor-executivo do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial.

Estas idéias foram apresentadas no seminário O Fenômeno Obama, no Centro de Estudos Americanos da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP).

E-mail: ngall@braudel.org.br